

O FINANCIAMENTO DE TIMES DE FUTEBOL DE VÁRZEA PRATICADO POR HOMENS: ESTUDO NUM CIRCUITO DE LAZER NA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE

Marcelo da Silva Lopes¹
Guilherme de Oliveira Gonçalves²
Raquel da Silveira³
Mauro Myskiw⁴

RESUMO: O trabalho procurou compreender como ocorre o financiamento de times de futebol de várzea praticado por homens constituídos num circuito de lazer. Tratou-se de um estudo qualitativo baseado em observação participante, desenvolvido nos anos de 2018 a 2020. Foram produzidos e analisados 25 diários de campo. Foi realizado um exercício analítico emergente dos dados. Concluímos que o financiamento envolve articulações e sobreposições de quatro modos de investimentos, o que produz uma margem de negociações e de invenções cotidianas.

Palavras-chave: Futebol. Lazer. Financiamento. Times.

THE FINANCING OF MEN'S SOCCER TEAM OF 'VÁRZEA': STUDY IN A LEISURE CIRCUIT IN THE METROPOLITAN REGION OF PORTO ALEGRE

ABSTRACT: The work tried to understand how the financing of men's soccer teams of 'várzea' formed in a leisure circuit occurs. It was a qualitative study based on participant observation, developed between 2018 and 2020. 25 field diaries were produced and analyzed. An emerging data analytical exercise was developed. We conclude that financing involves articulation and overlapping of four investment modes, which produces a margin for negotiations and everyday inventions.

Keywords: Soccer. Leisure. Funding. Teams.

EL FINANCIAMIENTO DEL EQUIPO DE FÚTBOL DE VARONES DE 'VÁRZEA': ESTUDIO EN UN CIRCUITO DE OCIO EN LA REGIÓN METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE

RESUMEN: El trabajo buscó comprender cómo se da la financiación de equipos de fútbol de varones de 'várzea' formados en un circuito de ocio. Se trata de un estudio cualitativo basado en la observación participante, desarrollado entre 2018 y 2020. Se elaboraron y analizaron 25 diarios de campo. Se desarrolló un ejercicio de análisis de datos emergente. Concluimos que el financiamiento implica la articulación y superposición de cuatro modos de inversión, lo que genera un margen para negociaciones e invenciones cotidianas.

Palabras-clave: Fútbol. Ocio. Financiación. Equipos.

Introdução

¹Bacharel em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: lopesnadal654@gmail.com

² Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: professorguilhermeg@gmail.com

³ Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email:raqufrgs@gmail.com

⁴ Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email:mmyskiw@hotmail.com

No presente trabalho investigamos uma prática de futebol bastante presente no cotidiano de muitas pessoas e cidades, mas ainda invisível se considerarmos a sua presença nos veículos de comunicação. Nos referimos ao futebol de várzea praticado por homens⁵ vivido como experiência de lazer e, como tal, um importante universo de sociabilidade que, historicamente, tem se sustentado por modos de organização e gestão esportiva comunitária. Partimos do entendimento de que esse modo de organização e de gestão comunitária não deve ser compreendido a partir das noções de falta, de carência, de precariedade ou de marginalidade, mas a partir de significados singulares do/no próprio circuito varzeano, como sustentam Damo (2007, 2018) e Myskiw (2012, 2014)⁶. Assim, foi realizada uma pesquisa num circuito de futebol vivenciado na região metropolitana de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, tendo como questão de investigação o financiamento de times. Esse circuito vivenciado não esteve circunscrito a uma competição específica, a programas ou projetos ou a locais e limites de municípios, mas a circulação num universo reconhecível pelos *habitués* – ‘a várzea’ – tendo em vista as oportunidades de lazer (MAGNANI, 2007, 2014)⁷.

Essa abordagem do financiamento a partir da noção de circuito varzeano ganha sentido, na presente pesquisa, a partir do trabalho de Zelizer (2009). Ao problematizar a compreensão da economia, a autora sustenta que as pessoas estão constantemente criando circuitos específicos de transações econômicas, estes, atrelados a múltiplas combinações que não partem de dicotomias ou assimetrias, mas de relações sociais e culturais bem demarcadas por seu próprio conjunto de significados, símbolos, práticas e códigos morais. Sendo assim, o objetivo do trabalho foi compreender como times de futebol varzeanos desse circuito se sustentavam para manter – economicamente – esse universo de lazer de homens. Para tanto, dois objetivos específicos foram formulados: descrever os protagonistas e seus esforços na constituição de

⁵ Fazemos essa delimitação de gênero por entender que, se por muito tempo bastava escrever/falar futebol para se referir aquele praticado por homens, hoje compreendemos que essa ação contribuiu para a invisibilidade do futebol praticado por mulheres, pois, como nos ensinou Goellner (2021) o envolvimento das mulheres no futebol “tem sido historicamente ignorado” (p. 2). Com o aumento expressivo no número de pesquisas sobre futebol praticado por mulheres, entendemos que hoje não é mais possível, ou ao menos seria uma irresponsabilidade, se referir ao futebol sem identificar por quem ele é praticado. Logo, seguimos esse texto informando, desde o início, que o futebol aqui analisado é aquele praticado por homens.

⁶ A noção de circuito, aqui, está atrelada ao debate sobre a diversidade cultural do futebol. Do ponto de vista conceitual, embora seja possível e reconhecível um circuito futebolístico, tal perspectiva afirma que há uma implicação inextricável da circulação de pessoas, objetos e histórias, o que torna impossível - desnecessário ou até impróprio - a circunscrição de um universo próprio. Esse debate está nos trabalhos de Myskiw (2012; 2014) e de Damo (2007; 2018).

⁷ Um debate sobre o circuito de lazer nesse sentido está nos trabalhos de Magnani (2007, 2014), ressaltando circuitos urbanos nos quais conjuntos de pessoas, orientadas por determinadas práticas, ao circularem em espaços e tempos específicos e ao produzirem seus trajetos singulares, se reconhecem como pertencentes (de diferentes formas) a uma unidade, mesmo que elas não se conheçam e mesmo que suas experiências sejam vivenciadas em lugares não contíguos. Entre os circuitos de lazer, o autor tratou do futebol de várzea.

fontes de financiamento dos times; e identificar aspectos relacionados com a maior ou menor demanda de recursos provenientes desses protagonistas e esforços para o sustento e existência dos times.

Essa questão do financiamento do/no futebol de várzea não é uma novidade em pesquisas brasileiras, estando presente em trabalhos como de Lopo (2008), Pimenta (2009), Silva (2011), Myskiw (2012), Oliveira (2013), Scifoni (2013), Martins (2016), Biagi (2017) e Invernizzi (2018). Contudo, embora esses trabalhos descrevam e analisem fontes de financiamentos e aspectos que se relacionam com o volume de recursos, eles não abordam especificamente essa temática como elemento central da pesquisa. Nesse sentido é que destacamos a relevância da presente investigação.

Procedimentos metodológicos

A investigação realizada teve uma abordagem qualitativa, essa entendida e desenvolvida com base na obra de Flick (2009). Na perspectiva desse autor, a pesquisa qualitativa possibilita diferentes formas de apropriação de métodos e de teorias, estando interessada na perspectiva dos participantes e sua diversidade, envolvendo a reflexividade de pesquisadores, assim como uma variedade de abordagens e de procedimentos a serem construídas na trajetória da própria investigação.

Nesse espectro dos estudos qualitativos, a principal forma de produção de dados empíricos do presente estudo envolveu a pesquisa participante num processo de convivência esportiva no lazer, tomando como referência o trabalho de Stigger e Myskiw (2020) em relação aos estudos etnográficos. Essa participação foi realizada durante os anos de 2018 a 2020, a partir das experiências do primeiro autor como membro de times de futebol de várzea das cidades de Viamão e de Porto Alegre. Nesses times, além dessas duas cidades, esse autor esteve em campos nos municípios de Canoas, Gravataí, Alvorada e Cachoeirinha, todos da região metropolitana de Porto Alegre. Ao longo da pesquisa lhe foi possível participar como jogador de 18 times (nas categorias livre e veterano) e como dirigente de um deles, conforme descrito no quadro 1⁸.

Quadro 1 – Relação de times e suas cidades, de categorias e funções vivenciadas durante a pesquisa.

⁸ Na experiência do futebol de várzea praticado por homens na região metropolitana de Porto Alegre, tal como investigado por Myskiw (2012, 2015), essa participação em muitos times, alguns deles de maneira simultânea, está presente nos horizontes e oportunidades de lazer dos jogadores. Para compreender esse fenômeno, o autor trata de algumas noções emergentes do próprio circuito, como a 'conhecidos da várzea', 'grupos-famílias', 'diretorias' e 'diferenciados'.

CIDADE	VÍNCULOS	TIME	CATEGORIAS
Viamão	Jogador	Tricolor ⁹	Livre
	Jogador	Colorado	Livre e veterano
	Jogador	Rubro-Negro	Livre e veterano
	Jogador	Alviverde	Livre
	Jogador	Grená	Livre
	Jogador	Alvinegro	Livre
	Jogador	Floresta	Livre
	Jogador e dirigente	Santo André	Livre e veterano
	Jogador	Barça	Livre
	Jogador	Nacional	Livre e veterano
	Jogador	Família Silva	Livre
Porto Alegre	Jogador	Vasco	Livre
	Jogador	Trem Bala	Veterano
	Jogador	Olimpia	Veterano
	Jogador	River POA	Veterano
	Jogador	Jardim do Vale	Veterano
	Jogador	Cerveja F.C.	Livre
	Jogador	Deportivo da Vila	Veterano

Fonte: Elaboração própria com base nos diários de campo.

Participando desses times e seus compromissos nos diferentes municípios, foram produzidos 25 diários de campo (DCs), nos quais foram registradas informações sobre o contexto das partidas (local, competição/amistoso, rodada, adversários, torcedores, etc.) e principalmente dados relacionados ao financiamento, com destaque para as fontes e os aspectos relevantes para determinar o volume de recursos necessários nos times (como taxas, mensalidades, equipamentos esportivos, churrascos, etc.). Esse processo de produção dos dados empíricos, na maioria das vezes ocorreu através de conversas informais com jogadores e dirigentes de times, mas também envolveu acesso a registros e anotações existentes acerca de dimensões econômicas do futebol de várzea (como, por exemplo, as anotações do responsável por um 'galeto'¹⁰ de arrecadação de dinheiro).

As análises das informações registradas nos diários de campo foram desenvolvidas e textualizadas tendo em vista as situações e os percursos vividos e produzidos pelo pesquisador-jogador: inicialmente identificamos e categorizamos os protagonistas e seus esforços para prover fontes de financiamento para os times de futebol de várzea; na sequência, olhando para as descrições relacionadas à constituição das fontes, descrevemos e categorizamos os aspectos que se relacionavam com o maior ou menor volume de recursos necessários para o financiamento; por fim, relacionamos os resultados com outros estudos sobre futebol de várzea/amador que havíamos acessado e estudado.

⁹ Os nomes dos times, assim como os nomes dos jogadores e dirigentes citados foram substituídos por nomes fictícios.

¹⁰ Utilizamos aspas simples para os conceitos nativos, indicando que envolvem significados específicos no universo simbólico estudado.

O texto que segue - seu modo de análise e de textualização -, reconhecendo a potência das reflexões apresentadas por Silva (2009), leva em conta as (inter)fluências das atividades de andar, ver e escrever na trajetória de pesquisas etnográficas. Significa que as situações descritas a seguir dizem sobre o engajamento dos jogadores, dos dirigentes, 'da comunidade' e de patrocinadores, e que essas situações foram produzidas como experiência etnográfica pelo percurso singular do pesquisador-jogador no circuito de lazer. Desse modo, a textualização procura dar conta da representação das situações e dos percursos, em que pese o financiamento dos times.

O financiamento dos times de futebol de várzea no lazer

A partir da análise dos dados dos diários de campo identificamos quatro categorias-situações de análises em relação a ação dos protagonistas e seus esforços para constituir as fontes de investimentos dos times. Nesta seção, segundo os percursos produzidos, descrevemos essas situações sublinhando aspectos que demandam maior ou menor esforço dos protagonistas no financiamento.

Financiamento pelos esforços dos jogadores

Ao longo da pesquisa fomos compreendendo que a formação e manutenção de um time não acontecia somente pela qualidade técnica dos jogadores, mas também pela contribuição homogênea e semanal da taxa de jogo que era determinada pela diretoria ou diretor do time. Isso tinha um impacto determinante até mesmo na permanência de cada um no 'plantel'. Fazer parte de uma equipe não significava apenas frequentar os jogos com regularidade, e/ou estar no grupo do *WhatsApp*, mas sim era relevante contribuir com as taxas e mensalidades.

Na Tabela 1, apresentamos os pagamentos realizados por ocasião de um jogo amistoso. A equipe destacada é o Colorado, que possui categoria livre, veterano e segundo quadro. O valor total das despesas do campo nos dois quadros (categorias 'livre' e 'segundo quadro') era R\$ 500,00, mas foi concedido um desconto de R\$ 80,00 em razão de ter sido realizado dois jogos em sequência. Porém, faltaram R\$ 40,00 que foram pagos por um membro da diretoria. Além disso, não foi computado o valor de R\$ 50,00 destinados à lavagem dos uniformes. Para isso, foram retirados R\$ 90,00 de uma reserva de caixa que era administrada pelo 'presidente'

do time¹¹. Ou seja, foi possível esse procedimento porque, em outras situações, as contribuições dos jogadores foram superiores aos custos da partida (DC, 25/10/2020).

Tabela 1 – Contribuições de jogadores da equipe Alvinegro para custeio de despesas de jogo amistoso.

JOGADORES	CATEGORIA	VALOR PAGO
Pedro	Livre	R\$ 20,00
Parreira	Livre	R\$ 20,00
Luciano	Livre	R\$ 20,00
Dudu	Livre	R\$ 20,00
Martins	Livre	R\$ 20,00
Preto	Livre	R\$ 20,00
Fabinho	Livre	R\$ 20,00
Nunes	Livre	R\$ 20,00
Piá	Livre	R\$ 20,00
Caio	Livre	R\$ 20,00
Júlio	Livre	R\$ 20,00
Joca	Livre	R\$ 10,00
Márcio	Segundo Quadro	R\$ 20,00
Cardoso	Segundo Quadro	R\$ 20,00
Felipe	Segundo Quadro	R\$ 20,00
Léo	Segundo Quadro	R\$ 20,00
Crespo	Segundo Quadro	R\$ 20,00
Pádua	Segundo Quadro	R\$ 20,00
Teco	Segundo Quadro	R\$ 10,00
Renato	Segundo Quadro	R\$ 20,00
TOTAL ARRECADADO:		R\$ 380,00

Fonte: Elaboração própria com base nos diários de campo.

A Tabela 1, portanto, mostra que o valor arrecadado não foi suficiente naquele final de semana (25/10/2020), devido ao fato de que nem todos os jogadores contribuíram com a taxa, fazendo com que o valor tivesse que ser dividido entre a categoria livre e o segundo quadro. O campo onde foram realizadas as partidas era considerado como de excelente qualidade, o que possibilitava uma cobrança maior em relação a outros, aumentando os desafios dos ‘diretores’ num cenário em que nem todos contribuem. O ‘segundo quadro’ deve contribuir igualmente, mas, em geral, os atletas desse quadro são considerados os ‘garotos’, os quais, muitas vezes, não têm à disposição R\$ 20,00 para contribuir.

Para se ter uma dimensão da questão ‘do caixa’ de um time, na Tabela 2 apresentamos a situação da equipe Vasco, compartilhada pelo seu ‘dirigente’ (DC, 13/11/2020). Segundo informações apresentadas por ele, não há dúvidas de que a participação dos membros da equipe na manutenção das mensalidades é importante, mas é também um grande desafio, porque nem todos conseguem contribuir regularmente, fazendo com que se tenha um

¹¹ Ao longo do artigo iremos nos referir a diversos valores monetários. Para o leitor ter uma referência nos anos em que realizamos a pesquisa de campo o salário mínimo brasileiro era: 2018 – R\$ 954,00; 2019 – R\$ 998,00; e 2020 – 1.039,00.

financiamento sensível às condições de vida dos jogadores. Esse retrato ‘do caixa’ da equipe do Vasco (com 7 jogadores colaboradores), condiz com um entendimento corrente no universo estudado, o de que uma equipe considerada forte e próspera ‘na várzea’ não só precisa de jogadores de qualidade, mas de membros comprometidos financeiramente, o que se relaciona com a opção e oportunidade de jogar em campos considerados de melhor qualidade e mais próximos ou jogar em campos de menor qualidade e mais distantes.

Tabela 2 - Situação do caixa da equipe do Vasco em 13/11/2020 através da arrecadação de mensalidades dos jogadores

JOGADOR	MÊS	VALOR
Thiago	Julho	R\$ 25,00
	Agosto	R\$ 25,00
Marcinho	Junho	R\$ 30,00
	Julho	R\$ 30,00
	Agosto	R\$ 30,00
Marcos	Setembro	R\$ 30,00
	Setembro	R\$ 35,00
Jadson	Julho	R\$ 25,00
	Agosto	R\$ 25,00
David	Julho	R\$ 30,00
	Agosto	R\$ 30,00
Caio	Junho	R\$ 30,00
	Junho	R\$ 30,00
Santos	Julho	R\$ 30,00
	Agosto	R\$ 30,00
	Setembro	R\$ 30,00
TOTAL DE ARRECAÇÃO DE MENSALIDADES		R\$ 465,00
SALDO ANTERIOR (MARÇO)		R\$ 163,00
TOTAL DO CAIXA DA EQUIPE		R\$ 628,00

Fonte: Elaboração própria com base nos diários de campo.

A escolha dos campos para se jogar, sobretudo as partidas amistosas, levava em conta as condições financeiras dos membros do time. É o caso da equipe do Nacional, que priorizava seus jogos no campo do Novo Lar, onde o custo total ficava em R\$ 140,00 reais, possibilitando a cobrança de R\$ 10,00 por pessoa, fazendo com que a contribuição de cada um resultasse num saldo positivo no final das contas. Ou até mesmo no campo do Clube Cantegril, onde o valor cobrado entre campo e a ‘taxa do juiz’ ficava em R\$ 200,00, sendo que a qualidade do ‘juiz’ aumentava ‘a pressão’ sobre o valor da arrecadação. Nesse campo as bebidas vendidas, de um modo geral, estavam na média de R\$ 5,00 ‘o latão’ de cerveja e R\$ 4,00 reais ‘a lata’ de refrigerante, o que também era um critério relevante na decisão sobre onde jogar, pois, dependendo do valor da bebida o montante final gasto no jogo poderia ser maior, mesmo que o valor da quadra fosse menor.

A respeito dessas decisões sobre onde jogar, em quais competições participar, entrava o cálculo sobre o gasto com combustíveis para os deslocamentos até os campos. No caso do campo do Alvinegro, por exemplo, esse custo, para o primeiro autor desta pesquisa, girava em torno de R\$ 10,00, pois era distante da sua residência. Essa situação não acarretava em um aumento no valor da taxa de jogo, mas não passava despercebida, até porque envolvia a coordenação de caronas e a divisão dos custos com combustível e, não raramente, ainda era necessário a lavagem posterior do veículo. Os dias chuvosos e os campos encharcados também incidiam em aumento dos custos da equipe, na medida em que demandam mais gastos com produtos de limpeza, ocorrendo situações nas quais uma contribuição extra era cobrada dos jogadores para auxiliar na lavagem.

Outro aspecto que influenciava no valor da contribuição e dos investimentos dos jogadores era o tipo da competição e a sua fase. Se, nos jogos amistosos, cada jogador era levado a contribuir com um determinado valor, para as competições o valor até dobrava, chegando até a ocorrer aumento do custo de deslocamentos, pois são vários os campos utilizados e, muitas vezes, eram agendados jogos do outro lado da cidade em relação às residências.

Soma-se a isso o fato de que numa competição mais valorizada (aquela considerada 'melhor de se jogar' pelos *habitués* do circuito varzeano), muitos jogadores investem em materiais, como chuteiras novas que custavam em média R\$ 150,00, tornozeleiras que custavam em média R\$ 45,00, pomadas e aerossóis para a proteção e tratamento de lesões, que custavam em torno de R\$ 25,00. Com isso, enfatizamos que havia maior predisposição de colaboração dos jogadores e de investimento deles quando se trata de uma competição reconhecida (mais valorizada), se comparado, por exemplo, com um amistoso.

É importante destacar o esforço dos 'diretores' para marcar jogos amistosos em campos reconhecidos como 'os melhores', pois isso também era valorizado na experiência de lazer. Contudo, num cenário em que nem todos tinham condições para pagar taxas de R\$ 20,00 por jogo, não era incomum os próprios jogadores solicitarem aos 'diretores' que marcassem as partidas em campos mais modestos e mais baratos. Essa situação era vivida como um dilema pelos 'dirigentes'.

Outro dilema envolvia as situações nas quais jogadores que tinham condições de pagar, mas 'não jogavam muito' e aqueles que não podiam pagar, porém, eram reconhecidos como os que 'faziam diferença' em campo. Exemplo disso era o jogador Pedro Rocha, bastante conhecido na várzea por 'jogar bem' e 'decidir' as partidas. Ele ia para os jogos se convidado, não pagava as taxas e nem participava da divisão dos gastos com cerveja depois dos

confrontos. Era uma escolha – e um dilema – que estava nos horizontes das ‘diretorias’ das equipes, o que eles faziam diante das possibilidades de mal estar entre os demais membros do time e de ‘rachas no grupo’.

* * * * *

Com base nas informações que foram descritas acima, num exercício analítico, produzimos uma lista de aspectos que se relacionam com a maior ou menor demanda de esforços de investimentos dos jogadores no autofinanciamento de suas práticas de lazer:

- O valor simbólico jogo: a demanda de investimentos dos jogadores aumenta ou diminui conforme o tipo do jogo (se é um amistoso ou é uma partida de uma competição; se a competição é mais ou menos valorizada no circuito varzeano; se era um jogo de início de competições ou de fases finais) e a quantidade de partidas da rodada (se um ou mais ‘quadros’ atuam).
- Arbitragem: os valores das taxas e contribuições variam de acordo com a necessidade de pagar, à parte, pelo serviço de arbitragem, como também pela qualidade dos árbitros escalados.
- Os deslocamentos para os jogos: implicam nos valores investidos pelos jogadores a distância dos campos em relação às suas residências, as condições das estradas e a possibilidade de coordenação de caronas e divisão do custo de combustível.
- A característica dos campos: as taxas cobradas pelos usos dos campos também modificam as demandas de contribuições dos jogadores, variando se são campos públicos ou privados, se são considerados ‘melhores’ ou não no circuito da várzea, se nos dias das partidas estão encharcados pela chuva.
- A administração de dilemas: se relaciona à existência ou não de ‘um caixa’ e de saldo nele, como também a maneira como os dirigentes administram os dilemas (convidar os jogadores ‘diferenciados’ que não contribuem ou não; agendar jogos em campos mais custosos; inscrever os times em competições mais caras ou baratas, por exemplo).

Financiamento pelos esforços dos dirigentes

Outra fonte de sustento das experiências do lazer futebolístico varzeano de homens observada foi o investimento dos chamados ‘dirigentes’, ‘diretores’ ou ‘presidentes’ de times. Ao longo do processo de observação participante foi possível notar quem são esses ‘dirigentes’ que protagonizam a formação dos times, reunindo jogadores (sempre projetando ‘boas equipes’ para

'fazer frente' aos adversários) e organizando as agendas de partidas. O primeiro autor desta pesquisa, em 2018 e 2019, foi membro de uma das 'diretorias', a do Tricolor que contava com times nas categorias livre e veteranos.

Para um projeto de equipe começar era necessário ter recurso financeiro, primeiramente para a aquisição de um fardamento completo (camisas, meias e calções), com investimento inicial de aproximadamente R\$ 1.200,00. Além disso, havia gastos com bolas, no mínimo duas (o que girava em torno de R\$ 200,00), um *cooler* para armazenar as garrafas de água (que custava em média R\$ 80,00) e uma bolsa para armazenar o fardamento (que custava em torno de R\$ 150,00). Esse custo total de R\$ 1.630,00 representava um mínimo para começar uma equipe. Porém, o investimento considerado ideal envolvia ter mais de um jogo de camisetas, ou seja, um outro fardamento que traria um custo extra, passando para um total de R\$ 2.830,00.

A partir disso é que se começava a chamar a atenção de jogadores e que se podia estruturar uma agenda de jogos, envolvendo amistosos e/ou competições (consideradas mais motivantes, sobretudo as suas fases finais). Numa das situações vivenciadas, o 'dirigente' do Tricolor, tendo disponível esses implementos descritos acima, decidiu inscrever o time na competição de uma Liga de Futebol Amador bastante valorizada no cenário do futebol de várzea investigado (podia se dizer, sem problemas, que era 'o sonho de consumo' dos times, dirigentes e dos jogadores).

Essa Liga realizava competições nas categorias livre e veterano, mas trataremos dos dados acerca da categoria livre, pois os registros de diários de campo foram relacionados a ela. A Liga começou no ano de 2016 e, nos anos seguintes, conquistou seu reconhecimento pela organização considerada 'de qualidade'. Na categoria livre, a competição envolvia 24 equipes, com a presença recorrente dos mesmos times em cada ano, com poucas aberturas para novas equipes, geralmente por alguma desistência. Essa informação é importante porque as taxas de inscrição e as taxas de jogos eram consideradas altas e, além disso, era difícil de conseguir jogadores 'de nível' com disposição para participações regulares diante da necessidade de terem que contribuir em cada jogo, para custear parte das despesas.

Embora os jogadores contribuam (descrevemos isso na subseção anterior), cabe aos dirigentes um conjunto importante de despesas. Na Tabela 3 reproduzimos um conjunto de despesas custeadas pelos dirigentes para a equipe Tricolor ter condições de participar de uma competição, como essa organizada pela referida Liga de Futebol Amador.

Tabela 3 – Conjunto de despesas custeadas por dirigente de equipe, tendo em vista a participação numa competição.

DESCRIÇÃO DE DESPESAS	VALOR
Inscrição da Equipe	R\$ 500,00
Bolas Novas	R\$ 100,00
Pomadas e Analgésicos	R\$ 60,00
Caixinha de Medicamentos	R\$ 12,00
Bandagens	R\$ 15,00
Combustível (por jogo)	R\$ 50,00
Recarga de Telefone	R\$ 20,00
Lavagens de Uniformes	R\$ 50,00
Cerveja pós jogo	R\$ 50,00
Churrasco (uma vez por mês)	R\$ 200,00
Cooler para gelo, cerveja, água	R\$ 70,00
Saco de Gelo	R\$ 5,00
TOTAL	R\$ 1.123,00

Fonte: Elaboração própria a partir dos diários de campo.

A imagem que representa esta tabela é a de que se exige dos dirigentes um esforço financeiro significativo para inscrever uma equipe numa competição e para colocá-la em condições de participação. A inscrição é geralmente paga pelos diretores, até para fazer com que os atletas demonstrem compromisso. Isso faz sentido porque, em alguns casos vivenciados, jogadores que contribuíram para o pagamento da taxa de inscrição acabam pressionando pela sua participação como ‘titulares’ do time. Sendo assim, há um entendimento de que ‘o ideal’ é envolver a cobrança de taxas dos jogadores somente em relação a cada jogo, para o custeio de taxas de campo e da arbitragem.

Com a competição iniciada, outras despesas recaem sobre as diretorias das equipes. Apesar de, na formação da equipe, ser necessário a compra de bolas novas, numa competição como essa mencionada (da Liga), assim como ocorria noutras, essa despesa aparece recorrentemente. Uma equipe mencionada como ‘organizada’, entre outros aspectos, é aquela que conta com bolas novas para repor. Mas, além das bolas, também pesava nessa representação de uma ‘boa organização’ – o que atrai ‘bons jogadores’ e ‘boas experiências de lazer’ – a presença de medicamentos e materiais de primeiros socorros, bandagens, sacos de gelo e *cooler*. Esses elementos comunicavam o cuidado dos dirigentes para com ‘seus jogadores’, sendo relacionado com a motivação destes.

Essa motivação, aliás, estava associada ao custeio de cerveja no final de cada jogo. A diretoria sempre era instigada a pagar essa bebida para os jogadores, sobretudo nos casos de vitórias. Em alguns casos um churrasco era feito para comemorar vitórias ou classificações, não somente em caso de título. Se esperava de um ‘bom dirigente’, e de uma ‘equipe organizada’ no cenário futebolístico, guardadas as diferenças entre as suas fases, que esse tipo de investimento

na forma de incentivo estivesse presente.

As descrições trazidas até aqui se referiam, sobretudo, às competições, mas, embora os gastos fossem menores nas partidas amistosas, eles existiam. Nessas partidas as taxas de jogo pagas pelos jogadores geralmente cobriam os custos com o campo, juiz e lavagem de uniformes, mas aconteciam situações em que os dirigentes precisavam pagar a taxa de algum jogador que estava com dificuldade financeira e até mesmo em gastos com caronas, empréstimos de chuteiras e pagamento de cerveja pós-jogo.

Trazemos, nesse sentido, o caso do jogador Cristiano do Alvinegro que, no jogo contra Juventus no campo do Alvinegro, não dispunha de R\$ 20,00 e, nessa condição, manifestou que não queria participar do jogo, pois não achava justo. O detalhe que tornava a situação ainda mais relevante é que o referido jogador era 'o capitão' da equipe e considerado fundamental pela sua liderança, determinação e qualidade técnica. O dirigente Marcelo não teve dúvidas e fez o que se considera esperado: pagou os R\$ 20,00 'do seu bolso'.

Ao longo da pesquisa várias situações como essa foram observadas, não apenas em relação aos jogadores considerados melhores, mas também a respeito daqueles que 'têm crédito' com 'a diretoria' pelo seu compromisso para com a equipe. Numa determinada situação (DC, 15/03/2020), entre 15 atletas, somente 5 contribuíram com a taxa do jogo e um diretor pagou 'do seu bolso' R\$ 130,00 para o pagamento do campo e juiz. Este caso aconteceu num jogo onde o 'valor do campo' e 'do juiz' era de R\$ 250,00 e foram arrecadados somente R\$ 120,00.

Do mesmo modo que nas competições, nos amistosos era esperado que os dirigentes 'colocassem algum dinheiro' para pagar cervejas e churrascos. Nas equipes em que foram desenvolvidas as observações participantes os dirigentes quase sempre pagavam, o que não significava que todo o recurso fosse pago por eles, uma vez que muitos jogadores estavam dispostos a contribuir. Diversas vezes ocorreram 'saldos' de cada jogo (a partir da arrecadação entre os jogadores, seja durante o jogo ou das mensalidades – 'do saldo do caixa') e este recurso foi usado para cerveja e/ou churrasco.

Da mesma forma que fizemos a respeito da competição (Tabela 3), com base nos dados disponíveis nos diários de campo, desenvolvemos a Tabela 4 para descrever gastos de dirigentes nas situações dos jogos amistosos.

Tabela 4 - Conjunto de gastos realizados por dirigente de equipe, tendo em vista jogos amistosos.

DESCRIÇÃO DE GASTOS	VALOR
Saco de Gelo	R\$ 5,00
Taxa Extra	R\$ 40,00
Bandagens	R\$ 10,00
Combustível (por jogo)	R\$ 20,00
Recarga de Telefone	R\$ 20,00
Água / refrigerante	R\$ 20,00
Cerveja pós jogo	R\$ 50,00
Churrasco (uma vez por mês)	R\$ 200,00
TOTAL	R\$ 365,00

Fonte: Elaboração própria a partir dos diários de campo.

Seja em relação aos jogos amistosos ou àqueles vinculados às competições, outra despesa enfrentada pelos dirigentes estava relacionada ao uso de seu telefone (minutos de ligações e/ou pacote de dados de internet). Nos dias de jogos, nos momentos que os precediam, esses dirigentes constantemente estavam ao telefone realizando ligações ou trocando mensagens de texto ou de áudio. Do mesmo modo, era comum vê-los utilizar os seus veículos para buscar e levar jogadores, sobretudo aqueles que sabidamente ‘faziam a diferença’ em campo.

* * * * *

As descrições trazidas acima nos mostram que aqueles que se habilitavam aos lugares de ‘dirigentes’ ou ‘presidentes’ dos times sabiam que seriam levados a colaborar no financiamento dos lazeres futebolísticos varzeanos. Ao realizarmos uma análise dos aspectos que se relacionam com a maior ou menor demanda de investimentos dos dirigentes, produzimos a seguinte lista:

- A materiais básicos do time: os dirigentes tinham como desafios a aquisição e a manutenção de fardamentos (mais de um como ideal), bolas, bolsas, *coolers*, *kits* de primeiros socorros. Estes elementos eram considerados básicos para a existência de um time.
- O valor simbólico dos jogos: cabia aos dirigentes o pagamento das taxas de inscrições nas competições (o que variava conforme o ‘peso’ delas, isto é, o seu reconhecimento no circuito varzeano), além das colaborações eventuais em pagamentos de outras taxas (arbitragem, campo) quando os jogadores não podiam ou eram dispensados.
- A mobilização de jogadores: outro conjunto de despesas dos dirigentes envolvia modos de mobilizar os jogadores para as partidas, custeando combustível, transporte com o próprio veículo, uso do celular (telefone e internet), pagamento de água e, eventualmente, cervejas e churrasco.

Financiamento pelos esforços envolvendo 'a comunidade'

Outra fonte importante de financiamento de times no lazer varzeano envolve o esforço e a criatividade de mobilização (pelos membros dos times) de familiares, amigos, vizinhos, colegas de trabalho, conhecidos, etc., que chamamos aqui de 'a comunidade', tal como faziam os interlocutores da pesquisa. Os dirigentes dos times, para desenvolverem levantamentos de receitas criavam formas de arrecadação junto com essa 'comunidade', o que ocorria, principalmente, a partir de rifas, torneios, 'galeto' e festas.

Importante destacar que a literatura sobre o futebol amador aponta esse tipo de financiamento baseado em eventos e mobilização comunitária já desde o início do século XX. É o caso da Associação Atlética Anhanguera, clube da cidade de São Paulo fundado em 1928 e até hoje atuando. No estudo realizado por Silva (2011) sobre essa Associação, a autora analisa na perspectiva dos estudos historiográficos o envolvimento com o futebol de várzea de São Paulo, demonstrando que isso ocorre de maneira articulada, inclusive financeiramente, com outras oportunidades de lazer da população, entre elas jogos de mesa (truco, damas), jantares, bailes e outros eventos.

Rifas

As rifas, no circuito de futebol, envolviam a realização dos sorteios de um ou mais prêmios a partir da venda de uma quantidade de números ('cartelas') pelos dirigentes, jogadores e seus familiares. O objetivo principal anunciado pelos interlocutores da pesquisa era 'fazer caixa' para os times e 'aliviar' os dirigentes e jogadores de custeio de despesas.

Durante a realização da pesquisa foram observadas diversas vezes a mobilização dos jogadores e seus familiares empenhados na 'venda dos números'. Contudo, elas nem sempre eram vistas com 'bons olhos' sobretudo pelos jogadores, porque eles alegavam que já tinham que manter o pagamento de taxas e a rifa colocava mais uma responsabilidade. Ademais, frequentemente os próprios jogadores e seus familiares pagavam o valor necessário para completar 'a cartela'.

Mas, na perspectiva dos dirigentes, essa era uma estratégia que funcionava. Geralmente 1000 números eram distribuídos para a venda. Em um desses sorteios acompanhado de perto na observação participante, o prêmio era uma camiseta da 'dupla grenal' que custou R\$

150,00¹². Cada 'número vendido' custava R\$ 2,00, sendo distribuído, neste caso, 500 entre membros do time. Ao final, descontando o valor de impressão das cartelas (R\$ 150,00), em torno de R\$ 700,00 foram destinados 'ao caixa' do time. Esses cálculos matemáticos descritos assim escondem a grande dificuldade e o enorme esforço dos dirigentes para que os jogadores aceitem, entendam e se empenhem na venda dos números em benefício do time.

Torneios

Os torneios eram competições rápidas, normalmente de 1 ou 2 dias, organizados pelos times como fontes de arrecadação de receitas, mediante a mobilização e participação de outras equipes. Descrevemos como exemplo desse esforço a realização, em 2018, num único dia (domingo), de um torneio pela equipe do Rubro-Negro de Viamão, no campo do Novo Lar. O planejamento de despesas compartilhado pelos organizadores para a realização desta pesquisa está descrito na Tabela 5.

Tabela 5 – Despesas listadas pela equipe do Rubro-Negro de Viamão para realização de torneio.

ITENS GASTOS	TEMPO/QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
Aluguel do Campo	Das 8:00 às 18:00	R\$ 600,00	R\$ 600,00
Juiz	Todos os jogos	R\$ 300,00	R\$ 300,00
Troféus	1 para o campeão	R\$ 80,00	R\$ 80,00
Medalhas	50 unidades	R\$ 0,70	R\$ 35,00
Medalha Goleador	1 para o Goleador	R\$ 2,00	R\$ 2,00
Medalha Goleiro	1 para o Goleiro	R\$ 2,00	R\$ 2,00
Troféu Disciplina	1 para equipe mais disciplinada	R\$ 40,00	R\$ 40,00
TOTAL DAS DESPESAS:			R\$ 1.059,00

Fonte: Elaboração própria com base em dados de diário de campo.

O torneio contou com a participação de 8 equipes e a fórmula de disputa foi 'todos contra todos', ou seja, 7 jogos de 30 minutos para cada equipe, visando o máximo de participação de todos ao longo da competição (sem eliminações). O campeão e os melhores classificados foram definidos pelo número de pontos e critérios de desempate, com a premiação descrita na Tabela 5 entregue ao final da competição. Cada equipe pagou o valor de R\$ 350,00 de taxa de inscrição, já incluído o valor 'do campo' e 'da arbitragem'.

A arrecadação totalizou R\$ 2.800,00. Subtraindo o valor gasto com o campo, premiação e árbitro, o lucro líquido da equipe Rubro-Negro foi de R\$ 1.741,00, o que foi considerado um ótimo resultado. Esse dinheiro arrecadado, segundo informou um dos dirigentes do time, foi direcionado para a compra de bolas e meias, ficando saldo de R\$ 680,00 para ser utilizado ao

¹² A Dupla Grenal refere-se aos dois times de futebol da cidade de Porto Alegre que possuem presença no cenário do futebol profissional: o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e o Sport Club Internacional.

longo de 2019 em despesas de competições e jogos amistosos.

‘Galetos’

Os chamados ‘galetos’ eram almoços ou jantares realizados e que tinham como prato principal o frango assado no espeto. Esses eram eventos considerados bons para a mobilização ‘da comunidade’ no sentido de produzir arrecadação financeira para os times. Um desses eventos, acompanhados de perto na pesquisa, foi realizado pelo time Tricolor em 2019, na sede do Clube. Tratou-se de um ‘galeto dançante’, assim denominado, porque após a refeição/jantar houve um momento para a música e a dança. O objetivo dos dirigentes era arrecadar recursos para comprar um fardamento novo para o time das mulheres e adquirir uma mesa de sinuca para a sede do time. A diretoria conseguiu um apoio de uma gráfica e não teve custos na confecção dos tíquetes para a venda ‘do galeto’, sendo isso considerado uma grande ajuda.

Mas, além da venda, a elaboração e preparação de toda a comida necessária, não é tarefa fácil. Um membro da comunidade que trabalha num restaurante na cidade de Porto Alegre, se colocou à disposição para ajudar, já que era um dos torcedores mais fiéis do Tricolor. Ele planejou ‘um galeto’ para 200 pessoas. Enquanto isso, as vendas dos tíquetes ‘do galeto’ aceleravam ‘nas comunidades’, contando com a participação de jogadores e familiares ‘na missão’ de vender ‘os galetos’ ao custo de R\$ 25,00 por pessoa. A ideia era arrecadar R\$ 5.000,00 com os tíquetes e R\$ 2.000,00 com a venda de cerveja (somente refrigerante e água estavam inclusos para quem adquirisse o tíquete).

‘O galeto’, como mencionado, foi ‘dançante’, contando com uma banda de pagode que animou a noite. As vendas começaram no mês de junho e, incluindo, como descrito, refrigerante, água e música ao vivo. Na noite do sábado agendado, ‘o galeto’ foi servido e considerado um sucesso em termos de momento de lazer ‘da comunidade’ e de arrecadação financeira. A venda ‘do galeto’ gerou uma receita de R\$ 5.000,00 totalizando, com a venda de cerveja, R\$ 7.400,00. Descontados R\$ 2.860,63 destinado a compra dos insumos, bebidas e de custeio da banda, o lucro líquido do galeto dançante foi de R\$ 4.539,37.

Com esse esforço comunitário, o fardamento completo para a equipe das mulheres foi adquirido pelo valor de R\$ 1.945,00 e a mesa de sinuca foi adquirida pelo valor de R\$ 1.950,00. O restante do valor foi destinado para a compra de 3 bolas e de um *cooler*, bem como para a realização de um churrasco na sede, com a finalidade de comemorar as novas aquisições e o sucesso do evento.

Festas

As festas, entre elas os bailes, também eram fontes de financiamento das atividades do futebol de várzea. Mas, por parte dos organizadores eram vistas com ressalvas e até mesmo com receio, tendo em vista a possibilidade de ocorrência de eventos não desejáveis (confusões, brigas, etc.). Situações como essas (indesejáveis na perspectiva dos interlocutores) foram presenciadas e conhecidas por relatos no transcurso da observação participante.

Uma das festas que foi possível acompanhar e desenvolver registros mais precisos em diário de campo, foi realizada em março de 2019, pelo Clube Vasco, na sua sede na praça Tamoio, em Porto Alegre. Segundo seus integrantes, esse Clube foi fundado em 1934 e, em 2019, completaria 85 anos. Um dos dirigentes da equipe relatou que muitos se emocionaram, num clima de nostalgia, lembrando a atuação das equipes ao longo dos muitos anos de existência da agremiação.

O baile contou com uma banda de samba e pagode de veteranos e o público foi em sua maior parte formado por idosos, o que representava maior segurança frente aos eventos indesejáveis. A festa iniciou às 21 horas e terminou por volta das 2 horas da madrugada, sendo avaliado positivamente tanto pelo seu êxito financeiro, como pela oportunidade de lazer para aqueles que adquiriram os ingressos. Tratou-se de um baile para arrecadar fundos com o objetivo de comprar um fardamento novo e concertar os banheiros e a cozinha daquele equipamento público que era considerado 'sua sede'.

Foram vendidas cervejas a R\$ 6,00, refrigerantes a R\$ 5,00 e água a R\$ 4,00. De acordo com um dos organizadores (dirigente da equipe do Vasco), o saldo bruto total do baile foi de R\$ 3.266,00. Subtraídos os gastos com a compra das bebidas (um total de R\$ 1.619,00), a renda líquida foi de R\$ 1.647,00. Vale ressaltar que somente foi possível esse lucro porque não houve gasto com a banda, já que ela era formada por integrantes atuais do Vasco e principalmente por integrantes da 'velha guarda' da equipe. Também não houve despesas de aluguel porque se tratava de um espaço público e parte dos recursos arrecadados seriam investidos na sua reforma.

* * * * *

Quando olhamos para as descrições acima acerca dos esforços envolvendo 'a comunidade', tendo em vista uma análise de aspectos que se relacionam com a maior ou menor demanda de financiamentos provenientes dessa relação, entendemos que isso perpassa:

Aliviar dirigentes e jogadores: a realização de rifas, torneios, 'galeto' e festas faziam sentido quando havia demanda para constituir ou aumentar 'o caixa' dos times, criando condições para desonerar os dirigentes e jogadores do pagamento de despesas de jogos.

Adquirir equipamentos para sedes e times: a necessidade de aquisição de materiais esportivos, como fardamentos, bolas e mesa de sinuca se relacionava com a participação comunitária na constituição de fontes de financiamento.

Reformar infraestrutura: também demandava a mobilização 'da comunidade' a demanda de reforma das sedes dos Clubes, como o exemplo da reforma dos banheiros.

Financiamento pelos esforços de patrocinadores

Por último, no que diz respeito aos esforços de financiamento, abordamos a existência de patrocínios. Ao longo da pesquisa foram observados aportes financeiros para os times advindos de empresas, principalmente direcionados ao custeio de despesas relacionadas aos fardamentos, ainda que em parte. Um fardamento considerado 'básico' para uma equipe iniciava com o valor aproximado de R\$ 1.200,00, enquanto um fardamento descrito como 'melhor', com logotipo nas meias e tecido mais duradouro, custava em torno de R\$ 2.500,00.

Nas situações em que foram percebidas as relações com patrocinadores, elas estavam vinculadas às aquisições desses fardamentos. Um dos casos acompanhados e registrados em diários de campo envolveu a aquisição de um fardamento pela equipe do Nacional, o que foi patrocinado por uma empresa do setor de entretenimentos. Essa empresa pagou R\$ 1.300,00 para a compra de um fardamento com calções e camisas. Em contrapartida, o seu logotipo ficou estampado em destaque na parte frontal das camisetas e em um dos lados dos calções.

Segundo os relatos do presidente da equipe, o patrocínio foi possível pelo respeito e honestidade adquiridos com o passar dos anos pela equipe do Nacional. Segundo ele, isso não se constrói do dia para a noite, salientando – do modo como fazia sentido no universo estudado – que a equipe representava um grupo familiar e residencial, formada por amigos de infância e que se mantinha, com orgulho, há vários anos. Ou seja, as empresas patrocinadoras estavam atentas às trajetórias das equipes (não apenas as trajetórias de conquistas esportivas), procurando não associar suas marcas com times que tivessem uma reputação avaliada como 'ruim para os negócios'.

Outra situação registrada foi o da equipe Colorado, que, de maneira exemplar 'na várzea', possuía 3 fardamentos completos e, não contente, continuava buscando patrocínios para uma eventual aquisição de uniformes. Em 2019 os dirigentes conseguiram captar R\$

1.810,00 com 5 patrocinadores. Com esses recursos em mãos, eles contrataram uma empresa de uniformes da cidade de Viamão que foi responsável pela confecção dos novos fardamentos com as logomarcas já inseridas.

Essas relações de patrocínios faziam sentido como um grande ‘alívio financeiro’ dos times (dirigentes e jogadores) geralmente no início de temporadas ou competições, com o aporte necessário para colocar à disposição um ‘manto novo’. Os patrocinadores, assim, ampliavam as possibilidades de participação dos times nos circuitos de competições e de amistosos, permitindo que as outras fontes e esforços de arrecadação fossem direcionadas para despesas relacionadas aos jogos.

Além disso, o custeio do fardamento por parte dos próprios jogadores não tinha uma boa avaliação, nem por parte dos jogadores, nem dos dirigentes. Nas conversas e nas experiências de observação participante como jogador e dirigente, foi percebido que nem todos os jogadores contribuía, por várias razões. Diante disso, seria possível cogitar que aqueles que contribuía se achariam no direito de levar a sua parte do fardamento em caso de saída da equipe, como já aconteceu em outros momentos. Nesse sentido, ‘o alívio’ proporcionado pelos patrocinadores tinha sentido de autonomia da diretoria, ao evitar constrangimentos e discussões.

Em que pese o envolvimento de patrocinadores, os resultados da presente pesquisa dialogam com aqueles trazidos pelo trabalho de Pimenta (2009), ao estudar os times de futebol amador da cidade de Recife/PE. A autora também identificou que ao longo dos campeonatos a maioria dos times consegue algum tipo de patrocínio, quase sempre de pequenos e médios comerciantes do bairro, mas podendo ocorrer doações/apoios por torcedores com melhores condições financeiras. E, da mesma forma como observamos, ela relaciona a busca dos patrocínios com a aquisição de uniformes e a contrapartida de inserção das marcas das empresas.

Além desse estudo de Pimenta (2009), no trabalho de Biagi (2017) o autor identificou que os times de futebol de várzea da cidade de São Paulo/SP que recebiam patrocínio poderiam ser classificados de maneira diferente daqueles que não recebiam. A quantidade de patrocinadores e os tipos de empresas que figuravam nas camisas dos times eram elementos para se classificar os times, entre aqueles que seriam os comuns e os que seriam da elite da várzea paulistana.

* * * * *

Essas descrições sobre os esforços de financiamento nas relações de patrocínio nos levaram a compreender que a maior ou maior demanda de recursos dessa fonte envolvia os seguintes aspectos:

- Alívio financeiro dos dirigentes e jogadores: da mesma forma que nos esforços comunitários, os patrocínios faziam sentido para desonerar o pagamento de custos de jogos pelos dirigentes e jogadores.
- Autonomia dos dirigentes para decisões: a demanda de recursos de patrocinadores também foi mencionada para garantir maior autonomia dos dirigentes em relação aos jogadores, no sentido de desvincular o pagamento de taxas pelos jogadores com a possibilidade deles tomarem decisões a respeito da composição dos times.
- Reputação nos circuitos varzeanos: uma equipe que mostrava seus patrocinadores denotava uma trajetória positiva e o cultivo de valores considerados positivos (amizade, comprometimento, pertencimento).

Considerações finais

Os resultados descritos na seção anterior nos possibilitaram compreender que os esforços de financiamento de times de futebol de várzea praticados por homens envolvem 4 modos de investimentos articulados pelos protagonismos dos próprios jogadores, dos dirigentes, da comunidade e de patrocinadores.

O primeiro modo de investimento está mais relacionado ao custeio de despesas relacionadas aos jogos em competições ou em amistosos. Ele envolve os esforços e a participação financeira dos jogadores principalmente, mas também dos dirigentes eventualmente. São aqueles investimentos que têm maior ou menor demanda de acordo com o valor simbólico jogo/competição, com a arbitragem escalada/contratada, com as características dos campos, a necessidade de deslocamentos e a administração de dilemas na gestão do grupo.

O segundo modo de investimento está mais atrelado à necessidade de fazer com que os jogadores estejam presentes nas partidas e motivados para os jogos, isto é, um investimento de mobilização e de incentivo. Ele envolve, fundamentalmente, os esforços dos dirigentes, eventualmente contando com os 'saldos do caixa' por vezes constituídos com os esforços das comunidades. São os investimentos cujas necessidades guardam relações diretas com o valor simbólico do jogo/competição, com a maior ou menor demanda de jogadores específicos para as partidas.

O terceiro modo de investimento diz sobre a necessidade recorrente de aliviar os dirigentes e os jogadores de custear despesas com os recursos 'do próprio bolso'. É nesse contexto que são desenvolvidas dinâmicas de mobilização comunitária (através de rifas,

torneios, 'galeto' e festas) e de pequenos empreendimentos locais (através de relações de patrocínios). São os investimentos que variam pela percepção comunitária e empresarial da relevância de se desonerar os dirigentes e os jogadores do pagamento de taxas de custeio de jogos, com efeito sobre a reputação dos times nos circuitos futebolísticos varzeanos, como também das comunidades e das empresas envolvidas.

Por fim, o quarto modo de investimento se refere a aquisição e equipamentos e construção ou melhoria de infraestrutura física, via patrocínios. Também são baseados em dinâmicas de mobilização comunitária e de pequenos empreendimentos locais, cujos valores se alteram frente à maior ou menor necessidade aliviar os dirigentes de gastos relacionados à aquisição dos equipamentos para os times/clubes e de construção/reformas nas/das sedes, com ressonâncias sobre a autonomia dos dirigentes nas suas decisões.

Descrevemos esses modos como categorias analíticas, mas nos antecipamos em salientar que nossa conclusão final sobre o financiamento dos times de futebol de várzea envolvem exatamente articulações e sobreposições desses modos de investimentos, o que produz uma boa margem de negociações e de invenções cotidianas num circuito de lazer particular.

Não é possível dizer que não existam dificuldades para manter financeiramente os times e as oportunidades de lazer futebolístico varzeano, como destacou a pesquisa realizada por Lopo (2008) a partir de entrevistas com dirigentes de um time, tratando especificamente dos desafios para manter esse universo de sociabilidade no contexto urbano de Porto Alegre. Mas, ao mesmo tempo, é preciso olhar que o significado desses desafios não denotam o circuito varzeano como um lugar menor, que pode ser compreendido pelas noções de falta, de carência, de precariedade e marginalidade, como destacou a investigação de Myskiw (2012).

O que observamos pela presente pesquisa não tem a ver com algo menor, com falta e com carência. Pelo contrário, nossas análises e esses resultados sintetizados nas 4 categorias descritas acima, reforçaram uma compreensão emergente dos dados de que os desafios de financiamento são elementos da coletividade e da heterogeneidade pela qual a experiência varzeana é constituída e significada, amarrando as dinâmicas esportivas à vida das pessoas, aos dramas e tramas da vida urbana.

Esse futebol infame – utilizando um conceito trabalhado por Rigo (2001, 2007) em relação à história da modalidade na cidade de Pelotas – não expressa uma identidade única e excludente, pois se articula com as contingências cotidianas. Nesse sentido, o financiamento investigado e analisado (também infame porque tem pouca visibilidade) na presente pesquisa mostra ações e trajetórias audaciosas, insistentes, astutas que se proliferavam nos times que

circulavam pelos campos, jogos e competições.

REFERÊNCIAS

BIAGI, Diego Fernandes de. **Amadores, profissionais e varzeanos**: os significados das práticas futebolísticas na cidade de São Paulo e os clubes da comunidade. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2017.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, Anpocs, 2007.

DAMO, Arlei. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 37-66, set./dez. 2018.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e Futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, v. 27, p. e27001, 2021. DOI: 10.22456/1982-8918.110157. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/110157>. Acesso em: 11 maio 2022.

INVERNIZZI, Lisandra. **Ser “daqui” ou de “fora”**: hierarquias, descontinuidades e trânsitos no futebol não profissional de Florianópolis. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

LOPO, Rafael Martins. **É o fim da Várzea**: ensaio etnográfico sobre forma de sociabilidade, narrativa e conflito de um time de futebol de várzea da cidade de Porto Alegre. 2008. 71f. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Introdução: circuitos de jovens. *In*: MAGNANI, J. G. C.; SOUZA, B. M. de. **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MARTINS, Mariane Goetter. Futebol de várzea: vivenciando o esporte e a sociabilidade. **Revista Didática Sistemática**, Rio Grande, v.18, n.1, p.56-69, 2016.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O Circuito: proposta de delimitação da categoria. **Ponto Urbe: Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP**, v. 15, 2014.

MYSKIW, Mauro. **Nas controvérsias da várzea**: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre. 2012. 415f. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

MYSKIW, Mauro; STIGGER, Marco Paulo. O futebol “de várzea” é “uma várzea”? Etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre. **Movimento**, v. 20, n. 2, p. 445-469, abr./jun. de 2014.

MYSKIW, Mauro. As 'Tradições Varzeanas' nos 'Times de Camisa': notas etnográficas sobre a circulação de jogadores num circuito de lazer da cidade de Porto Alegre. **Licere**, v.18, n.3, p.158–196, 2015.

OLIVEIRA, Allan de Paula. Entre a várzea e o profissional: sobre um campeonato de futebol amador. **Espaço Plural**, v. 14, n. 29, p. 114 – 139, 2013.

PIMENTA, Rosângela Duarte. **Desvendando o jogo: o futebol amador e a pelada na cidade e no sertão**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um futebol de fronteira**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

RIGO, Luiz Carlos. Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 83-98, jan./jun., 2007.

SCIFONI, Simone. Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 125-151, Dec. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142013000200005&lng=en&nrm=iso. Acessado em 19 out. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0101-47142013000200005>.

SILVA, Diana Mendes Machado. “O que não se consegue com o dinheiro”: a Associação Atlética Anhanguera e o futebol amador nos anos 1930. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26. 2011. **Anais...** Associação Nacional de História, São Paulo, jul. 2011.

SILVA, Hélio, R.S. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes Antropológicos**, ano 15, n. 32, p. 171-188, jul./dez. 2009.

STIGGER, Marco Paulo; MYSKIW, Mauro. Etnografia e estudos no/do lazer: aspectos da observação participante. *In*: ISAYAMA, Hélder Ferreira; MELO, Victor Andrade de. **Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020. p. 101-122.

ZELIZER, Viviana. Dualidades Perigosas. **Mana**, Rio de Janeiro, v.15, n. 1, abr. 2009.

Declaração de conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflito de interesse.

Contribuições dos autores

M.S.L. realizou a pesquisa de campo e juntamente com os autores G.O.G., R.S. e M.M. realizaram as análises e escreveram o texto final. O autor M. M. também foi o coordenador e orientador da pesquisa.

Endereço para correspondência :

Rua Felizardo, nº 750
Porto Alegre – RS, CEP: 90690-200

Submissão: 30/10/2021

Aceite: 03/06/2022